

Rhodes afirma que Brasil não volta a crescer a curto prazo

Fritz Utzeri

Nova Iorque — O presidente do comitê de assessoria dos bancos que renegociam a dívida externa brasileira, o banqueiro William (Bill) Rhodes, do Citibank, admitiu que o programa de ajustamento da economia brasileira — discutido entre o Brasil, os bancos e o FMI — “terá, certamente, uma consequência negativa para a atividade econômica no país”, não dando perspectivas de crescimento econômico a curto prazo.

A declaração consta de uma entrevista de Rhodes à publicação interna do Citibank *Sound of the Economy*, de outubro. Rhodes, desde que iniciou o processo de renegociação das dívidas de países como o México, Argentina e Brasil, parece convencido de que uma boa parte de seu êxito se deve ao fato de manter a imprensa à distância das informações e, salvo declarações passageiras, não dá entrevistas nem gosta que seus subordinados falem com jornalistas.

O caso do México

Apesar de divulgada agora, a entrevista com Rhodes foi feita pela publicação do Citibank antes da reunião do FMI da semana passada, quando os bancos internacionais ficaram com uma “fatia” de 6,5 bilhões de dólares em novos empréstimos, dos 11 bilhões de que o Brasil precisará até o fim de 1984. Em sua entrevista, Rhodes afirma que o problema, na maioria dos países endividados, é de liquidez e não de solvência. Para comparar os débitos desses países com o capital ou com o seu poder de captar recursos, Rhodes cita o México e suas reservas de 70 bilhões de barris de óleo, os quais, estima, valem pelo menos 10 vezes mais do que o total da dívida daquele país.

(Não há estimativa comparável feita para o Brasil).

Depois de historiar o seu processo de negociações para o México, Rhodes disse que a inflação de agosto, naquele país, foi de

3,9%, o que considerou importante porque “no começo do ano, o índice mensal era de 10%”, lembra o banqueiro. Para todo o ano de 83, a inflação mexicana é estimada em 75%, contra 100% no ano passado. Além disso, atendendo ao FMI, o México reduziu seu déficit público de 17% para 8,5% do Produto Interno Bruto e obteve um saldo na balança comercial de 7,4 bilhões de dólares (o planejado, para todo o ano, era de 7 bilhões). No ano de 83, o saldo na balança mexicana deverá ser de 12 bilhões de dólares.

Mais difícil no Brasil

Quanto ao Brasil, Rhodes afirmou que, até meados de 83, o Brasil simplesmente não tinha “um programa de ajustamento abrangente e funcionando”. Os objetivos são os mesmos do México, de acordo com a receita do FMI: redução do déficit do setor público, menor inflação e melhoria do déficit em conta corrente.

Depois de admitir que essa política trará consequências negativas para a atividade econômica do país (sem se referir às tensões sociais no Brasil e no México que, obviamente não lhe foram perguntadas), Rhodes enfatiza que, também no caso brasileiro, são esperados superávits crescentes da balança comercial.

“No começo do ano, ninguém acreditava que o Brasil conseguisse 6 bilhões de dólares de superávit”, lembra o banqueiro, que espera 9 bilhões para o próximo ano. Somente o atual superávit, diz Rhodes, permitirá ao Brasil cortar pela metade seu déficit em conta corrente e a situação deverá melhorar ainda mais depois.

No caso brasileiro, a previsão de Rhodes é mais sombria do que no do México. “O ajustamento não vai ser fácil, e não esperamos qualquer crescimento na economia a curto prazo”.

Visita de Shultz é confirmada

Brasília — A Embaixada Americana informou ontem à noite sobre a visita de 25 horas que o Secretário de Estado George Shultz fará ao Brasil, entre a noite do dia 25 e a manhã de 26, dividindo seu único dia útil de trabalho entre Brasília e São Paulo.

O anúncio foi feito simultaneamente pelo Itamarati, em Brasília, e pelo Departamento de Estado, em Washington, sem fazer referência ao fato de que o Secretário de Estado tem um encontro com empresários e banqueiros, em São Paulo. Na visita, ele e o Chanceler Saraiva Guerreiro trocarão os relatórios oficiais dos cinco grupos de trabalho (economia-finâncias, cooperação nuclear, cooperação in-

dustrial-militar, tecnologia e atividades espaciais) constituídos em dezembro passado, quando da visita do Presidente Reagan ao Brasil.

O Secretário chega a Brasília na noite de 24 (segunda-feira) sem ter, sequer, um embassador americano para recebê-lo, pois o cargo — vago com a partida de Anthony Motley, para assumir a Subsecretaria de Estado para América Latina, que deverá acompanhá-lo nessa visita — até agora não foi preenchido, embora esteja quase confirmada a indicação do ex-conselheiro político Diego Ascensio para o posto. Quem fará as vezes de Embassador, nesse caso, é o encarregado de negócios Harry Kopp.